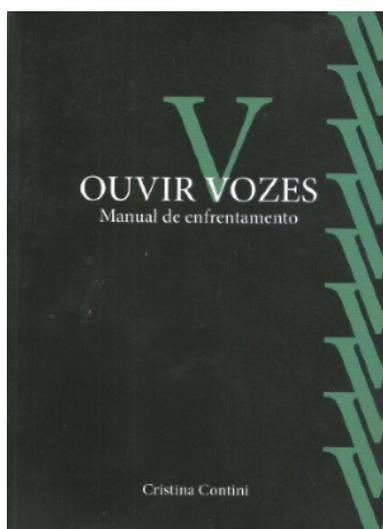


**Resenha: Cristina Contini . *Ouvir Vozes. Manual de enfrentamento*. Pelotas, Cópias Santa Cruz, 2017.**



Neste livro, Cristina Contini propõe estratégias que considera eficazes para o enfrentamento das vozes a qualquer um que as ouça e aos que se relacionem com os ouvidores, sejam familiares, psiquiatras, enfermeiros, educadores, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais. É resultado de sua experiência direta em vinte e cinco anos como ouvidora de vozes. Sua tese é de que é preciso enfrentar as vozes, gerenciá-las e não calá-las sem saber o que são e por quais motivos são ouvidas.

Esta publicação é a segunda edição do livro publicado em 2010, que surgiu como obra pioneira sobre um tema inédito. Na edição de 2017, a autora enriqueceu sua reflexão com experiências amadurecidas no ambiente psiquiátrico. O livro está dividido em duas partes: a primeira, mais densa, dedicada aos profissionais da saúde e familiares e a segunda destinada aos ouvidores. É nessa última parte que a publicação apresenta um guia com exercícios práticos, rápidos e direcionados. Segundo a autora, seu objetivo foi “dar voz às vozes” e às suas palavras.

Toda a reflexão da autora é pontuada por testemunhos reais de ouvidores de vozes que abraçaram a proposta de tomar consciência de si mesmos e das vozes que os habitam, fornecendo um material de conhecimento prático a todos os interessados nesse tema. O livro tem como abertura o testemunho de Cristina Contini, revelando uma conexão íntima com aqueles que ouvem vozes. Foi essa ligação que lhe permitiu compreender mais facilmente as dificuldades iniciais de alguns deles e admitir o entusiasmo com o sucesso obtido nesse processo que construiu. A autora tornou-se consultora de tudo o que envolve as vozes, tornando-se referência na formação de profissionais de diferentes Departamentos de Saúde Mental na Itália.

Decorre da sua perspectiva a crítica à Psiquiatria Clássica que reduz as vozes a um sintoma de doença ou disfunção grave como a Esquizofrenia, depressão grave, estados maníacos do transtorno bipolar, transtornos dissociativos, transtornos graves de personalidade, uso de substâncias, etc. Considera esse enquadramento psiquiátrico das vozes muito limitante, não apenas porque é voltado exclusivamente para o aspecto psicopatológico, sem qualquer interesse pelo significado das vozes e/ou seus conteúdos, mas também pela forma única de tratamento através do uso de medicamentos.

Provocativamente, a autora argumenta que estão ausentes da cultura psiquiátrica informações valiosas sobre as vozes e que as prescrições psiquiátricas de psicofármacos, também conhecidos como substâncias “neurotrópicas”, têm as mesmas características das drogas proibidas que, segundo o depoimento do Dr. Giulio Murero, podem danificar o sistema nervoso. Ele defende, inclusive, a existência de campanhas contra os psicofármacos (p. 92-93).



Cristina Contini nasceu no ano de 1966 em Carpi, Módena - Itália. Com 19 anos começou a ouvir vozes, após uma hemorragia, em um procedimento cirúrgico que evoluiu para o coma.

A partir da sua experiência positiva com as vozes se colocou a disposição de outros ouvidores, os quais ainda não tinham uma relação com suas vozes, e se tornou a fundadora da primeira Associação de vozes na Itália e dos primeiros grupos AMA (Auto Mutua Ajuda) de Ouvidores.

Num dos momentos da sua reflexão, Contini afirma sobre as mudanças que o enfrentamento de

vozes suscita:

“A este respeito, não há uma bibliografia importante relacionada a ouvir vozes, mas há muitos testemunhos de melhora, de recuperação emocional e mudanças positivas que representam vivências e emoções verdadeiras” (p. 52).